

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS: O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS, ENQUANTO PEDAGOGO, NA FORMAÇÃO DOS SURDOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.¹

INTRODUCTION TO THE STUDIES: THE TRADUTOR/INTERPRETER OF POUNDS, WHILE PEDAGOGO, IN THE FORMATION OF DEAF PEOPLE IN THE SUPERIOR EDUCATION.

Carin Scherer Rosário Batista², Cristiane Engelsdorff Barbosa³

¹ Trabalho de iniciação científica realizado por profissionais interprete de Libras da Unijui

² aluna do curso de Pedagogia da Unijui

³ Pedagoga/Técnico administrativo da Unijui.

Introdução

O tema sobre a inclusão de sujeitos surdos no ensino superior é relevante, por isso, tem sido tema de discussões e debates sobre quais seriam os recursos metodológicos que são potenciais para viabilizar o entendimento da mensagem permitindo o acesso aos saberes que estão sendo comunicados entre o emissor da mensagem e o receptor da mensagem, ou seja, o sujeito surdo.

Neste contexto as universidades desempenham um importante papel, pois precisam oferecer condições favoráveis para a inclusão desses sujeitos e principalmente mediar o processo de ensino e aprendizagens do estudante de nível superior “surdo”. Isso implica pensar sobre as metodologias de ensino, a acessibilidade, a atuação do professor e dos próprios alunos surdos, e o desempenho do tradutor/intérprete de libras.

A comunidade acadêmica surda no ensino superior é considerada uma minoria, talvez por isto algumas vezes não é evidenciada no contexto educacional, tendo em vista que a educação num sentido geral é direcionada à maioria de acadêmicos “ouvintes”, podemos inferir daí a hipótese de que: o aluno surdo enfrenta exclusão o processo didático de ensino/aprendizagem, mesmo que neste processo pode contar com a presença do intermediador que é caracterizado pelo profissional intérprete de libras.

Segundo BERNARDINO (2000) a Libras tem sido pouco divulgada no Brasil nos setores da educação, e estigmatizada nos diversos setores da sociedade. Mesmo sendo reconhecida legalmente, no ensino formal dos surdos não se tem dado o seu devido valor. Dessa forma se dará esse trabalho, tendo em vista o intérprete de libras educacional formado em pedagogia como um conhecedor das metodologias, currículos, didáticas e estratégias de ensino utilizado em sala de aula, contribuindo imensamente na formação acadêmica do sujeito surdo. Visto que todo intérprete educacional deve ser formado na sua área de atuação (MEC/SEESP, 2004).

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo dar início a um estudo reflexivo do papel do intérprete de libras educacional formado em pedagogia, visando suas qualidades e competências para compreender a sua atuação no processo de ensino aprendizagem.

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Metodologia

A primeira ideia de elaborar o trabalho sobre o intérprete de libras educacional no ensino superior surgiu a partir de uma conversa sobre os desafios que o intérprete enfrenta na universidade. Podemos então dizer que, esta iniciativa foi a primeira etapa para dar início à elaboração do trabalho.

Em seguida, como segunda etapa, houve a conversa sobre conhecimentos prévios e a própria experiência de trabalho para chegarmos à conclusão sobre o que realmente seria o foco do trabalho, para só então dar início à terceira etapa, o estudo bibliográfico para embasar o que já era vivenciado na universidade, podendo então identificar causas e importâncias.

Resultados e discussão

Antes de mais nada temos que entender o que é a língua brasileira de sinais e tudo que isso implica, à saber, que a língua de sinais ou libras são naturais (QUADROS e KARNOPP, 2004) e complexas, se utilizam do canal visual-espacial, articulação das mãos, expressões faciais e corporais para estabelecer sua estrutura. A língua de sinais não é universal, pois cada país possui a sua língua de sinais com variações regionais (GESSER, 2009). No Brasil a Libras é reconhecida pela lei 10.436/2002, é entendida como a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual transmite ideias e fatos, sendo direito das pessoas surdas e ouvintes o acesso ao aprendizado da libras (BRASIL, 2002).

Frente à isso podemos falar do sujeito surdo, pois, para entender a complexidade de uma educação para surdos, há de se compreender primeiramente quem é esse sujeito, pois um atendimento adequado visando respeito às suas especificidades requer um entendimento primeiro de como defini-los. Nesse sentido, vale ressaltar que, num senso comum as pessoas tem encarado os surdos como deficientes auditivos ou surdos-mudos por entenderem que a surdez é algo patológico e que a mudez está vinculada à surdez (ALBRES e NEVES, 2014).

ALBRES e NEVES (2014) ainda afirma que, nem do ponto de vista clínico nem do ponto de vista cultural essa ideia faz sentido, pois do ponto de vista clínico biológico são considerados mudos, aqueles que possuem algum impedimento nos variados órgãos envolvidos na emissão da fala, e os surdos, em geral, não possuem esse impedimento; o que ocorre é uma falta de retorno auditivo, ou seja, não falam porque lhes falta a audição. Nesse sentido usar o termo deficiente auditivo também não se aplicaria, pois clinicamente falando o termo deficiente auditivo é usado nas audiometrias para definir o grau de surdez do sujeito surdo, que pode ser leve, moderado, severo ou profundo (ALBRES e NEVES, 2014).

Dado o exposto podemos então discutir sobre o tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS), que segundo MEC/SEESP (2004, p. 27,28) é:

É o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa.

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Ele também pode dominar outras línguas, como o inglês, o espanhol, a língua de sinais americana e fazer a interpretação para a língua brasileira de sinais ou vice-versa (por exemplo, conferências internacionais). Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação (por exemplo, a área da educação).

Nesse sentido sabemos que o TILS atua em duas frentes distintas como diz ALBRES e NEVES (2014), a língua de origem e a língua alvo, percebendo os sentidos dos discursos do outro para formar um novo enunciado a fim de expressá-lo de forma contextualizada e com significado na língua alvo, e todo esse processo não se dá de forma aleatória, como se o intérprete fosse um mero sinalizador, pois estão implícitos muitos elementos, começando por sua formação acadêmica.

Logo, desenvolver estratégias ou métodos é a rotina deste profissional, que tende a zelar pelo ensino competente. A impossibilidade considerada orgânica do surdo não o impossibilita de ser um estudante ativo e transformador, embora tenha que ser motivado para tal, segundo DORZIATI (2009, p. 57):

Um dos principais limitadores de uma análise apropriada quanto ao ensino de surdos, esta geralmente na falsa ideia de que o fato de usar a língua de sinais em sala de aula, seja pelo professor da sala/escola especial, seja pelo interprete de libras da sala regular, é suficiente para proporcionar as condições de aprendizagem desses alunos. Em ambos os casos o conhecimento escolar é passado pelo crivo do ouvinte que sabendo sinalizar ainda desenvolve conceitos importantes transpondo as representações para o mundo próximo.

Em virtude dos fatos apresentados não podemos chegar a um resultado, visto que o presente trabalho tem por objetivo dar início a um estudo reflexivo mais aprofundado, pois os estudos sobre a língua de sinais é tão novo quanto á profissão do intérprete de libras, quanto mais se dirá do intérprete educacional.

Considerações finais

Entendemos que o profissional intérprete de libras educacional também determina o sucesso ou fracasso do ensino, tendo em vista sua amplitude de competências técnicas e comportamentais. Observamos então que o trabalho de interpretação deve ser feito de forma contextualizada, com propósito de desenvolver as habilidades de internalização e compreensão dos conteúdos de forma eficaz.

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Nosso entendimento de aluno surdo nesse contexto é de sujeito atuante e desafiador que está sempre em pleno desenvolvimento, buscando cada vez mais o conhecimento dentro de suas próprias limitações. E, percebemos na interação do aluno surdo com o intérprete educacional a importância da fluência e qualidade da interpretação que este profissional necessita ter para que a interpretação não se resuma apenas na sinalização de palavras do português para libras ou ainda para que não se restrinja a informações simplificadas.

Nessas perspectivas o TILS educacional, além de ser uma ponte entre o professor e aluno, é um movimentador de ideias, um provocador de pensamento, adaptador de metodologias, e isso só é possível devido à sua formação pedagógica, podendo chamá-lo até de “intérprete estrategista”.

Palavras-chave: metodologia; acessibilidade; competências; profissional; interpretação; língua.

Keywords: methodology; accessibility; competences; professional; interpretation; language.

Referências bibliográficas

ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Org.). **Libras em estudo:** Formação de Profissionais. São Paulo: Feneis, 2014.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **Absurdo ou lógica?** a produção linguística dos surdos. Belo horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

DORZIATI, Ana. **O outro da educação:** pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DE SURDOS. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa/**Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.